

A inserção da Mulher na sociedade do século XXI

O papel da mulher através dos tempos e no século XXI, deve ser compreendido e enfrentado no seu contexto histórico, económico, político e social.

Sempre a história se referiu à mulher como sendo um ser frágil, digna de pena e protecção, deixando espalhada por toda a parte a sua inferioridade física a sua inferioridade intelectual.

Sempre houve dificuldade em entender o corpo feminino, embora diferente do corpo masculino, apenas e simplesmente como um corpo humano. Já Aristóteles in “Da Geração dos Animais” afirmava : - “ A sua inferioridade física em relação ao macho é manifesta”!

A inferioridade física justifica a inferioridade intelectual conduzindo à exclusão das mulheres dos assuntos públicos quer sejam civis, militares ou eclesiásticos.

A mulher é vista pela história ocidental como um ser da natureza e não como um ser cultural. Sobre esta visão da mulher, tem a religião grande responsabilidade. Falar da condição feminina passa por falar de religião e pela concepção de um sagrado quase exclusivamente masculino.

A escolástica foi responsável pela unidade europeia, que comungava a mesma fé, e dava resposta às exigências da igreja; - aprofundar a dialéctica individual necessária a qualquer religião e manter-se como única guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade. A vida monástica constituía as universidades da época que fabricavam, em exclusivo, as reflexões acerca da origem do mundo e da sociedade e do estado que se difundiram por toda a Europa. O pensamento escolástico teve dois grandes pensadores separados por 10 séculos; - Agostinho de Hipona (séc. IV) e; Tomás de Aquino (séc. XIII); as mulheres, excluídas da vida eclesiástica, estavam, objectivamente, excluídas destas reflexões. A igreja exerceu durante séculos a maior violência contra a humanidade; - A de silenciar a mulher, mantendo a ideia de que a mulher é um ser da natureza e não cultural – violência tão silenciosamente infligida da qual ainda hoje a sociedade se ressent.

Foi desta forma, durante séculos, impedida a mulher de construir a sua identidade. Por não lhe ter sido reconhecido o direito à singularidade, no seio da diversidade, em convivialidade, impediram-na de fazer ouvir a sua voz no questionamento fundamental e colectivo à existência que permite pertencer a uma sociedade cultural, caracterizada por indivíduos providos de sensibilidade, inteligência e vontade.

Cansada da escravidão do seu corpo a mulher faz ouvir-se pela voz que a sociedade reconhece; - a masculina. Violentou-se na sua maneira de ser e adoptou o modo

masculino de fazer. Praticou provavelmente o maior crime contra si mesma e contra a sociedade ao fazê-lo mas, foi essa a única forma que encontrou de ver legislados e punidos crimes como: - estupro; - violação; - lenocínio; - pedofilia... Ao fazer pela forma masculina consegui renovar as consciências no que refere ao pudor na busca da intimidade, trazendo para o espaço público em primeiro lugar os direitos do corpo feminino, criando bases mais iguais a essa busca absolutamente essencial ao Ser (enquanto corpo e espírito); - A busca da intimidade.

É sem dúvida no século XIX que se inicia a renovação das consciências e faz-se pelo aparecimento da escola pública. A deslocação do poder de ensinar da igreja para os professores, deu aos cidadãos a oportunidade de aceder à Instrução e consequentemente à educação. O estado laico ao deslocar o religioso para a esfera privada iniciou as bases para uma concepção do homem e da mulher orientada para a cidadania e não para a santidade. Os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade criaram as bases para que o determinismo social da condição de nascença desaparecesse.

A implementação destes ideais precursores da democracia foram lentos - *“Remissa e vagarosa, porém, vai a instrução por esta boa terra de Portugal, e ai de nós se não se atende a este grave mal com prontos remédios; ai de nós, porque um povo que possui a liberdade sem instrução, que só o pode nela iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conservá-la e, o que é mais, conservá-la sem abusar”* – Antero de Quental – e a envolvimento da mulher nesses ideais ainda mais lenta.

A par da reivindicação do direito à instrução as mulheres reivindicaram o direito ao trabalho remunerado. Tal criou uma revolução social no século XIX; - as mulheres competiam com os homens no mercado de trabalho, mas são as mulheres instruídas que criam o verdadeiro problema social; - Que fazer com elas? Que papel atribuir-lhes? Tal gerou a maior reviravolta no mundo masculino, obrigando-o ao reconhecimento altruísta do direito à cultura da mulher face à sua natureza humana e inteligência. Para resolver a questão a cultura ocidental cria um novo conceito da mulher; - A Mestre Escola – Como educadora dos filhos da classe operária ela assume a maternidade civil e política, pela primeira vez um papel público; - o de mãe civil. Em 1888 Amália Vaz de Carvalho escreveu num artigo *“É natural que daqui a pouco tenhamos as mulheres a pedirem voto, agora que já têm liceu”* - O que ocorreu no fim do século XIX só tendo tido frutos em Portugal em pleno século XX (5 de Maio de 1931).

Estamos portanto perante dois protótipos de mulher social:

- a) A mulher comum, acanhada, submissa, serva, inferior e sujeita aos caprichos da opinião;
- b) A mulher instruída, prudente, responsável, grave, digna, superior, política e que não se sujeita aos caprichos da opinião.

A transmutação global do protótipo a) para o protótipo b) fez-se durante todo o Século XX em que a eficácia da mulher pública ficou demonstrada e a cultura obrigada a reconhecê-la como um Ser cultural.

O Século XX foi um marco importante na perspectiva dos Direitos das Mulheres. O direito ao voto, a igualdade em termos legislativos, a entrada em massa no mercado de trabalho, o acesso aos vários níveis de ensino, incluindo o superior, a libertação do corpo, a saúde sexual e reprodutiva, a ascensão a cargos públicos e políticos, incluindo o de presidente da república.

A mudança da visão da mulher como ser da natureza para a visão da mulher como Ser cultural operou-se na silenciosa violência diária dos gestos maternais feitos a correr, da voz mitológica da doçura adiada pela falta do tempo, custou-lhe o tempo para si mesma, para os seus afectos, para a sua beleza, custou-lhe ... a família e em muitos casos a Liberdade.

Não obstante... neste virar de século e de milénio, constata-se que o reconhecimento dos direitos da Mulher caminha a duas velocidades: entre as duas “Europas” que se confrontam, entre a Ásia e a África entre o norte e o Sul da América, há mulheres a quem são vedados os mais elementares direitos humanos e cometidas as mais profundas atrocidades.

Se no século XX as mulheres conquistaram os seus direitos o século XXI será o século da conquista dos valores e da implementação desses direitos que se traduzem no acesso igual às oportunidades independentemente do género.

Só a mudança da visão competitiva dos sexos para a visão da sociedade que se constrói na harmonia dos géneros permitirá á mulher assumir o seu papel como ser cultural na sua própria voz. Este será o papel que a mulher terá que desempenhar no futuro.

Neste século XXI que tudo parece desmoronar-se, que tem por pano de fundo uma crise que mais do que económica é de valores e civilizacional, a permanência da nossa utopia continua a ser tão justa quanto necessária.